

XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE CIÊNCIAS SOCIAIS

2011

**GRUPO DE TRABALHO - GT 38 Crianças e Infâncias Luso-Afro-Brasileiras: olhares
transnacionais e diversidades em diálogo**

**PESQUISAS PARTICIPATIVAS COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO E
VULNERABILIDADE: POSSIBILIDADES E LIMITES**

Juliana Prates Santana

Instituto de Psicologia – Universidade Federal da Bahia

julianapsantana@gmail.com

Natália Fernandes

Instituto de Educação – Universidade do Minho

nafts@ie.uminho.pt

Resumo: O presente trabalho tem por objectivo discutir as possibilidades e limites das investigações participativas com crianças em situação de risco, a partir de pesquisas que utilizaram essa estratégia metodológica e que foram desenvolvidas em Salvador, no Brasil e em Braga, Portugal. A proposta de incentivar a participação das crianças no processo de investigação decorre do pressuposto de que as crianças são agentes sociais dotadas de competências de intervenção e participação, sendo por isso importante reconhecer os seus direitos legais, assim como incentivar o seu protagonismo. O direito de participação das crianças está referenciado na Convenção dos Direitos da Criança e por ter sido um dos aspectos menos efectivados em relação aos direitos da criança, tem-se tornado, progressivamente, um dos principais focos de interesse e atenção dos pesquisadores e pessoas que actuam em defesa dos direitos das crianças.

Esta comunicação pretende colocar em discussão vantagens e limites que a utilização da investigação participativa coloca aos pesquisadores e também à caracterização e mesmo desocultação de quotidianos infantis e juvenis. No que diz respeito a este último aspecto, consideramos que as metodologias participativas utilizadas permitiram compreender com mais critério e densidade os significados que assumem vidas de risco e vulnerabilidade para crianças e jovens, cujas vozes têm permanecido ocultadas, muitas vezes, pelas pela ‘incompetência’ das metodologias de investigação utilizadas para tal caracterização.

1 - Os caminhos da investigação participativa com crianças – diálogos transatlânticos

A investigação participativa com crianças tem ganho, nos últimos anos, uma importância crescente, nomeadamente entre os investigadores que consideram os processos de investigação com crianças como uma simbiose de investigação, educação e acção política. Tais investigações têm sua origem nas denominadas Participatory Rural Appraisal (PRA), que foram inicialmente utilizadas com adultos, com baixa literacia e na área da educação tendo, posteriormente sido ampliada para outros campos de aplicação e investigação, assim como utilizadas com diversos grupos minoritários.

No nosso caso em particular, a opção por esta possibilidade metodológica, inscreve-se na área da sociologia da infância crítica (Sarmiento & Marchi, 2008), que considera as crianças como actores sociais, com competências de acção e intervenção nos seus mundos de vida. A investigação participativa considera heterogéneas formas de caracterização da realidade e produção do conhecimento, nomeadamente formas práticas, conceptuais, imaginárias e empáticas, através de processos partilhados entre os diferentes intervenientes do processo de investigação. Nesse sentido, consideramos que as pesquisas com as crianças, em especial com as que se encontram em situação de risco e vulnerabilidade, quando assumem os pressupostos ontológicos, epistemológicos e éticos presentes na investigação participativa, poderão ser ferramentas de excelência, no sentido de construir com estes sujeitos competências de enfrentamento do risco a que estão expostos, tal como em seguida apresentamos com mais detalhe.

Partilhamos a ideia de que as dinâmicas de investigação devem considerar um esbatimento das relações de poder entre investigadores e participantes da investigação, uma vez que tal como defende Kirby (1999, pág. 1)

“Ao influenciarem o que está a ser investigado e a forma como as suas vidas são representadas, elas (as crianças) participam em processos institucionais de tomada de decisão. Quanto mais as crianças forem activamente envolvidas na investigação, maiores serão os ganhos a nível pessoal” .

Para tal é importante que as problemáticas que atravessam o desenvolvimento de investigações impliquem e tenham significado para as pessoas envolvidas,

considerando, ainda, que o momento da investigação é também um momento de construção de competências de todos os envolvidos no processo, no sentido de intervirem e agirem com autonomia e significado nos seus quotidianos.

Enquanto na investigação convencional é comum o enfoque que considera a criança enquanto objecto-observado, ou então objecto-explicado, ou mesmo, ainda, enquanto objecto-interpretado, na investigação participativa a criança é activa na observação, na descrição, na explicação, na interpretação, assumindo-se como um sujeito activo, cuja voz e acção social são relevantes e fundamentais para o processo de investigação.

Nas investigações que apoiam esta reflexão tínhamos alguns objectivos norteadores das dinâmicas desenvolvidas, os quais passaremos agora, sumariamente a apresentar.

Uma das pesquisas realizou-se em Portugal, junto de crianças que viviam num centro de acolhimento, que tinham idades entre os 8 e os 13 anos e tinha como objectivos compreender quais as representações que as crianças institucionalizadas possuem, quer da sua própria dimensão enquanto sujeitos de direitos, quer das possibilidades de reivindicar tal estatuto, perceber também qual a natureza das estratégias adoptadas por crianças e adultos para reclamar ou impedir a consagração de tal protagonismo e finalmente perceber as lógicas e dinâmicas inerentes (implícitas e/ou ocultas(das), que condicionam (positiva ou negativamente) o exercício de cidadania infantil.

A outra pesquisa desenvolveu-se com crianças em situação de rua inseridas em uma instituição de atendimento localizada na cidade de Salvador, no Brasil e teve por objectivos investigar o quotidiano das crianças, as suas produções culturais e as suas trajectórias de vida. Com o intuito de alcançar o objectivo proposto foram realizadas observações de orientação etnográfica, sendo as crianças depois convidadas a participar no projeto, a partir de metodologias participativas, que permitiram a utilização de diversas formas de linguagem e expressão, como o cinema, as fotografias, a música e a dança. Além disso, foram realizadas entrevistas individuais, discussões em grupo e consultas aos relatórios produzidos pelos técnicos da instituição acerca de cada criança.

A opção pela utilização de metodologias participativas exige que o investigador esteja atento e consciente de um conjunto de princípios teóricos, éticos e metodológicos que devem ser salvaguardados ao longo da investigação, sendo alguns deles apresentados de seguida.

Um aspecto central foi a consideração de um conjunto de dimensões éticas que orientaram os trabalhos e a relação entre investigadores e participantes da pesquisa. Uma dessas dimensões éticas tem a ver com a necessidade de as crianças compreenderem as propostas de pesquisa, compreenderem os projectos ou processos, qual a sua finalidade e qual o seu papel em tal dinâmica, antes da obtenção do seu consentimento informado. Nesse sentido, na pesquisa desenvolvida por Fernandes (2005/2009) foram utilizadas algumas estratégias para a obtenção deste consentimento, que salvaguardassem tais dimensões, nomeadamente a utilização de um *pack* de informação, entregue a cada uma das crianças envolvidas na pesquisa, que continha material informativo para que elas, pudessem fazer escolhas mais informadas acerca da sua decisão de participar na investigação. Este *pack* incluía um folheto informativo para as crianças acerca do investigador, da natureza do projecto e do que se pretendia com a sua participação; incluiu-se nele também uma folha, onde as crianças registavam alguns dados biográficos, bem como a sua vontade, ou não, de participar na investigação e ainda um cartaz, com uma versão da Convenção dos Direitos da Criança, adaptada para as crianças.

Na pesquisa desenvolvida por Santana (2008) não houve possibilidade de um convite formal a todas as crianças que participaram da pesquisa, em função da rotatividade e a brevidade da permanência das crianças no contexto institucional. No entanto, a cada nova actividade, a pesquisadora reiterava os acordos firmados, explicitando os objetivos da pesquisa e o papel dos envolvidos neste processo.

Outra dimensão, fundamental para as autoras, foi a necessidade de construir relações de parceria entre os intervenientes do processo de investigação, para que as relações de poder e as estruturas e processos de tomada de decisão fossem transparentes e permitissem processos comunicativos e relacionais horizontais e democráticos.

Cabe referir, ainda, outra dimensão relacionada com a necessidade de ter em consideração os diferentes usos e compreensão que as crianças fazem da linguagem.

Para as autoras é fundamental considerar a necessidade de reverter olhares hegemónicos acerca desta dimensão, nos quais são valorizadas competências de oralidade, de escrita, nomeadamente, e considerar que as crianças utilizam múltiplas linguagens, verbais e não-verbais, mas todas elas significativas e fundamentais para desenvolver os seus processos de comunicação e caracterização do e com o mundo que as rodeia.

A este propósito as autoras utilizaram, no desenvolvimento das pesquisas com as crianças, um conjunto de metodologias visuais, que de acordo com Sarmiento (2011) “...potenciam o texto polifónico, aberto à diferença e promotor da dissonância e exploração de novos sentidos”, salvaguardando que o investigador não é o único produtor das imagens, que a sua utilização pelos sujeitos de pesquisa pode ser um meio de partilha de poder e que se constrói uma imagem de investigador colectivo, que ultrapassa a imagem clássica de investigador individual.¹ Na pesquisa desenvolvida por Santana (2008), a utilização dos recursos visuais e artísticos foi de fundamental importância para a recolha dos dados, na medida em que as crianças participantes da pesquisa eram, em sua maioria, analfabetas funcionais, sendo que mesmo aquelas que sabiam ler e escrever, mostravam resistência em participar em actividades que se assemelhassem às actividades escolares. Dessa forma, as estratégias metodológicas adoptadas incluíram a disponibilização para as crianças de uma câmara de vídeo, para que registassem e produzissem os seus filmes e apresentações de música e dança, e de máquinas fotográficas descartáveis para que registassem imagens que fossem significativas para elas e que retratassem as suas vidas. Essas estratégias possibilitaram aceder às produções culturais das crianças, o que se constituiu enquanto elemento central de análise.

A produção cultural das crianças é, simultaneamente, uma arte e uma linguagem. É uma arte na medida em que o mundo é configurado, transformado imaginativamente pela forma que a arte propicia: a fotografia, o cinema, a música e a dança. Mas é uma linguagem na medida em que revela um mundo constituído por

¹ Ideias apresentadas numa Aula Aberta sobre Metodologias Visuais em Ciências Sociais, realizada em Maio de 2011, no Instituto de Educação, da Universidade do Minho.

representações, por idéias, por referências à realidade que só é susceptível de ser comunicado dessa forma. De outro modo ficaria oculta, encoberta, invisibilizada.

Finalmente, considerando que o princípio da participação da criança é um princípio fundamental na investigação participativa, nas pesquisas de que aqui se fala, para além da sua consideração ao longo de toda a dinâmica, ele foi também considerado na avaliação do processo de investigação, bem como na exigência de lhes devolver a informação construída com elas. A este propósito as autoras utilizaram dinâmicas e momentos diversificados para a devolução da informação. Fernandes (2005/2009) considerou dois momentos de devolução: um primeiro no decorrer do processo e um outro no final do processo. No primeiro, os dados foram discutidos com as crianças a partir de um pequeno filme, designado de *“As Vozes das Crianças do Colégio dos Rouxinóis”*.

“O genérico do filme mostrava inicialmente o nome dos actores, ou seja, o nome deles e a determinada altura o Ricardo exclamou:

- *“E o meu, não aparece?”*, preocupado porque o nome dele foi um dos últimos a aparecer, começava já a reclamar da discriminação.

O mesmo Ricardo exclamou mais à frente:

- *“Muda...estão sempre estes a aparecer”*, isto porque a cena em que ele aparecia já tinha passado e agora estavam a aparecer os outros meninos.

O Cristiano também se mostrava ansioso:

- *“E nós?”*

- *“Espera, já vais aparecer, não é Natália”*, sossegava-o o Leandro.

Quando finalmente aparece o Cristiano levanta os braços em sinal de vitória e manda calar os amigos. Agora é o Leandro que insiste que não aparece uma determinada cena no filme. Eu já tinha explicado antes de o filme começar que somente iriam ver alguns excertos porque se não o filme seria muito grande e eles iriam aborrecer-se, mas eles responderam em coro que não se importavam nada de ficar lá o dia todo.

O facto é que decorridos cerca de 5 minutos a agitação já era grande na sala, mexiam-se na cadeira, levantavam-se.

- *“Já chega fogo! Nunca mais sou eu”*, insiste o Ricardo”

(Nota de campo, nº10, Colégio dos Rouxinóis, Junho, 2003)

Como se pode comprovar pela nota de campo anterior, os aspectos que as crianças deste grupo mais valorizaram, não decorriam da natureza dos seus discursos, nem demonstravam qualquer tentativa de comentar as suas falas durante as conversas, mas estavam especialmente relacionados com a imagem, a forma como cada criança aparecia, o tempo que cada uma ocupava no cenário, em suma, a visibilidade que cada uma assumia no enredo que ali se apresentava. A devolução da informação final às crianças foi o último momento do processo de investigação, mas também um dos mais

complexos. Antes de mais devido à complexidade de traduzir um relatório de investigação com alguma extensão num documento que seja ao mesmo tempo informativo e apelativo para as crianças. Depois porque o factor tempo introduziu alguns ruídos nas possibilidades de contacto com todas as crianças que participaram na investigação, uma vez que grande parte delas, entretanto, mudou de estabelecimento escolar. O formato de apresentação foi o DVD, onde se apresentou a narração das conclusões das vozes das crianças feita através da voz da adulta-investigadora com um suporte de imagens, relativas aos materiais que serviram de base às discussões e ao material produzido por elas, nomeadamente os desenhos, os cartazes e as fotografias.

Santana (2008) optou por realizar as devoluções das informações recolhidas no final de cada actividade, em função da elevada rotatividade das crianças no contexto institucional. Dessa forma, os momentos de devolução funcionavam também como oportunidades de recolha de informações, não havendo, no entanto, um momento para a devolução final após a conclusão da pesquisa e produção do relatório final. Ao todo houve cinco momentos de devolução, sendo que os quatro primeiros consistiram na exibição dos filmes produzidos pelas crianças e do documentário produzido pelas meninas ("*Os Vingadores*", "*Guerra dos Sexos*", "*Apresentações de música e dança*", "*A vida das meninas nas ruas*") e o quinto foi a devolução das fotografias feitas pelas crianças. Nos momentos de devolução foi possível perceber um comportamento similar ao descrito por Fernandes (2005/2009), na medida em que o interesse principal era pela imagem e não pelo conteúdo das informações. Isso não minimizou em nada o entusiasmo e o interesse das crianças em se assistirem e principalmente a alegria e espanto de ficarem com uma cópia do DVD consigo.

Quando cheguei ao acolhimento noturno, João estava com a cara emburrada dizendo que eu havia rompido com o nosso combinado de levar o filme que tinham feito na sexta-feira. Respondo, que o nosso combinado havia sido de trazer o filme a noite e eu estava cumprindo. Ele mudou completamente as feições e passou a me perguntar excitado se o filme estava ali. Respondi que sim e mostrei o DVD. Ele pegou a mídia e saiu correndo pela instituição, mostrando a todos o seu filme. Pergunta se poderá ficar com o DVD e quando respondo que sim, ele não acredita e segue me perguntando se pode mesmo, se será dele para sempre. [...] Quando começou a exibição do filme no acolhimento noturno, praticamente todas as crianças se sentaram pra assistir. Os mais entusiasmados eram João e Spiderman que olhavam vidrados para a televisão. Quando o filme começa, após a exibição do título, todos os meninos se animam, sendo que alguns começam a rir, parecendo achar engraçado assistir aos colegas na televisão. Contudo, após pouco mais de um minuto de filme os meninos começam a ficar impacientes e perguntam se o filme será só aquelas lutas. Começam a mostrar alguma frustração, inclusive João e Spiderman, sem

se darem conta que só apareceria aquilo que tinha sido filmado na semana anterior. A cena que colocamos em câmera lenta, a pedido de Spiderman, e que o mostra correndo pela parede é a mais apreciada por todas as crianças que vibram com o efeito. As crianças parecem se divertir muito com a cena, fazendo muitas brincadeiras sobre isso. (Diário de Campo, 03/04/2006).

As potencialidades e também os constrangimentos que a investigação participativa vai colocando ao investigador é um desafio constante em dinâmicas desta natureza, convocando constantemente deste uma imaginação metodológica e uma redefinição de papéis e dinâmicas, tal como tentámos demonstrar ao longo deste primeiro ponto. Tais competências, obviamente, deverão ter sempre em conta os contextos onde decorrem, os sujeitos que os habitam e a atribuição de significado que fazem do seu mundo social, pois embora, por vezes, pareça que existem semelhanças nas formas de entender ou reagir, elas assumem facetas diversas, às quais o investigador deve estar atento e saber interpretar com os sujeitos que participam na investigação.

2 - A investigação participativa como uma possibilidade de captar os 'inesperados'

As crianças são frequentemente consideradas objectos de estudo de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, sendo que muito já foi produzido sobre o seu desenvolvimento e seus contextos de vida. No entanto, grande parte das investigações apresenta a perspectiva dos adultos sobre essas vivências, sendo através da fala de pais, cuidadores, professores e/ou especialistas sobre a infância. Essas perspectivas são relevantes, mas parciais no que tange à compreensão dos modos de vidas das crianças, já que deixam escapar justamente a visão dos principais actores sociais, que são as crianças. Esta lacuna fica ainda mais evidente quando investigamos a realidade de crianças que rompem com a imagem de infância socialmente difundida e aceite como é o caso das crianças em situação de rua ou das crianças institucionalizadas. Ao não analisar o ponto de vista destes sujeitos sobre a sua realidade, construímos uma visão homogénea de uma realidade que é plural, complexa e que exige a superação de dicotomias clássicas, tão comuns na caracterização da infância.

As crianças que vivem situações de vida complexas, como é o caso das crianças de rua (no Brasil) e as crianças que vivem em instituições de acolhimento (em Portugal), quando envolvidas em dinâmicas tradicionais de investigação tendem a fornecer ao pesquisador apenas as respostas socialmente esperadas. Por outro lado, o pesquisador, muitas vezes, acaba por analisar os contextos e falas destas crianças apenas a partir da perspectiva do estigma e das representações clássicas acerca das supostas incompetências das crianças enquanto informantes válidos dos seus mundos de vida.

No decorrer das nossas investigações, devido ao conjunto de estratégias metodológicas utilizadas, foi possível ir construindo, com as crianças, conhecimento acerca dos seus quotidianos, muitas vezes completamente inesperado para o investigador, mas profundamente revelador das competências destas crianças e que em dinâmicas clássicas de investigação, provavelmente, permaneceriam ocultas(das), alimentando desta forma estereótipos e também estigmas acerca destes sujeitos.

Um dos episódios que seleccionamos dá-nos conta da criação de ambientes simbólicos de protecção, que as crianças do Colégio dos Rouxinóis (Portugal) construíram, onde foi possível desvendar uma ordem simbólica, mas com intenso impacto na organização da ordem social real destas crianças:

“Disse-me então que estava à espera do cunhado, porque lhe tinha dado dinheiro para ele ir comprar coisas. Perguntei-lhe onde é que ele tinha arranjado o dinheiro e ele disse-me que os tinha encontrado.

“ E quanto dinheiro encontras-te?,” perguntei-lhe eu. Depois de alguns cálculos mentais disse-me: “prá aí 7”

Eu não insisti mais na conversa pois fiquei com a sensação de que a história era um pouco estranha e talvez inventada. Entretanto ele perguntou-me se eu namorava e quando eu lhe disse que sim, com o meu marido, ele riu-se e disse-me que também tinha uma namorada – a Luísa.

Contou-me então como começou o seu namoro: ela mandou-lhe uma carta perguntando se sim ou não ele queria namorar com ela, ele respondeu que sim e começaram a namorar. Não quis contar-me como é que namoravam. O fio desta história só o consegui encontrar, quando passado algum tempo entra na sala a Bárbara que diz ao Rudi que o cunhado dele estava a chegar. As minhas certezas adultas começaram a desmoronar... “O cunhado dele?,” perguntei eu; “Sim, o João Pedro, o meu pai” respondeu-me a Bárbara. A minha confusão aumentou ainda mais e a Bárbara insistia: “Sabes, é que o meu pai é irmão da namorada dele (do Rudi)”. Escusado será dizer que a minha cabeça estava ainda mais perdida e eles vendo a minha aflição disseram “É que nós inventamos uma família: eu sou a filha dele (do João Pedro), o Rudi é meu tio porque namora com a Luísa que como é irmã do João Pedro é minha tia”.

E aqui estava a confusão desfeita.

(...) Perguntei então ao João Pedro ‘cunhado’: “Então és tu o cunhado do Rudi?”. A confirmação veio dele e de todos os outros. Aquela parecia uma realidade que todos

conheciam. A conversa cruzou perguntas deles acerca do que eu estava a fazer e perguntas minhas acerca deles. (...)

Foi fascinante observar este episódio. Fascinantes as estratégias que estas crianças e jovens constróem para usufruir de algo que lhes foi retirado: a segurança e o carinho da família.

É através de um faz de conta muito sério que eles recriam e reapropriam tal segurança e carinho. Fascinante é também observar o quão ambivalentes são as atitudes destas crianças e jovens, que passam vertiginosamente de atitudes extremamente violentas para atitudes de profunda doçura.” (Nota de campo nº6, Colégio dos Rouxinóis, Maio de 2003)

Deste episódio é possível resgatar a exigência que se coloca ao investigador no sentido de construir dinâmicas que permitam aos sujeitos participantes na investigação poderem trazer para as mesmas o que é significativo, que faz sentido para eles e que, afinal, atribui significado às suas vivências.

Quando construímos espaços de interlocução livre, aberta com as crianças, os ganhos são significativos. Neste episódio é possível resgatar com estas crianças um conjunto de competências pessoais e sociais importantes. A reconstrução de núcleos familiares onde estão identificadas todas as personagens é reveladora, por um lado, de uma intensa necessidade de estas crianças encontrarem refúgios emocionais que, de alguma forma, lhes devolvam aquilo que lhes foi retirado: o seu sentido de pertença relativamente à sua família biológica. Por outro lado, desafia mais uma vez a conformidade social das interações das crianças, que ao criarem soluções alternativas à ausência, neste caso, a possibilidade de conforto familiar, reconstróem um núcleo familiar que, mantendo algumas malhas biológicas, é essencialmente um núcleo familiar simbólico, uma realidade emocional.

Através deste episódio conseguimos ‘entrar’ no âmago das relações que estas crianças vão construindo em situações adversas de vida, que são reveladoras de competências acrescidas em termos de autonomia e organização social, desafiando estereótipos que acompanham a literatura clássica acerca das crianças institucionalizadas que acentuam sobretudo a sua dependência e vulnerabilidade.

No caso da pesquisa desenvolvida por Santana (2008), a abertura dos espaços de diálogo, assim como uma observação atenta dos quotidianos das crianças possibilitou conhecer alguns dos significados e sentidos atribuídos pelas crianças à sua própria

situação de vulnerabilidade, assim como desfazer alguns dos preconceitos existentes em relação às crianças em situação de rua.

Voltei minha atenção aos meninos que estavam ouvindo música. Júnior colocou a música *"Eu não pedi pra nascer"* da banda Facção Central. Mais uma vez me impressionei com a forma intensa com que os meninos repetem a letra da música que fala de uma mãe maltratante que exige que o filho fique na rua até altas horas, pedindo dinheiro e que o fere e machuca cada vez que ele chega sem dinheiro em casa. Os meninos parecem hipnotizados quando ouvem a música. Falam cada verso como se fosse a frase mais importante que já pronunciaram. João se aproximou de mim e começou a cantar, olhando fixamente para mim e repetindo as palavras como se fossem ameaças. [...]Alex estava ouvindo a música sentado ao lado do rádio. Não dançava, não repetia os versos. Apenas olhava para o rádio com um olhar meio perdido. Antes da música acabar, os meninos já estavam pedindo que o educador colocasse de novo. Júnior também cantava a música com grande intensidade, acompanhando cada parte da letra. A música acabou e Júnior pediu que deixasse aquele mesmo CD. (Diário de Campo, 20/03/2006).

Alguém propôs que se cantasse a música: *"Eu não pedi pra nascer"* (acho que foi Eliana quem fez a sugestão). Os meninos imediatamente concordaram. É impressionante o efeito que essa música tem sobre as crianças. Alguns que não estavam cantando e dançando, se aproximaram pra cantar a música. Até Tadeu que em geral não estava participando das atividades de música se inseriu e começou a cantar. (Diário de Campo 07/04/2006).

Compreender o significado e a função que essa música desempenhava no cotidiano das crianças só foi possível a partir de uma disposição em observar e acolher as manifestações das crianças ao longo da investigação. É notória a forma como as crianças se sentem mobilizadas pela música e como utilizam as suas letras como forma de retratar algumas das facetas das suas trajetórias de vida, já que nesta música aborda-se não apenas a violência doméstica, as durezas da rua, mas o desejo de ter "uma infância normal". Ao longo da investigação foi possível perceber que as crianças usavam trechos das músicas para mostrar um ponto de vista ou mesmo ilustrar situações que vivenciaram. Os seguintes trechos dos diários de campo ilustram este uso:

"Estávamos conversando sobre a edição do documentário e Eliana propõe que eu coloque como música de fundo a música da banda Facção Central, *Eu não pedi pra nascer*. Respondo que sim e questiono o motivo da escolha e ela responde: *"Porque diz tudo que a gente quer dizer e fica bonito"* (Diário de Campo, 07/04/2006).

"No dia da entrevista que estava sendo filmada para o documentário, Mariana afirma que a família a tratava mal e comenta com Índia, *"Isso é errado, sabia? O papel deles devia ser cuidar de mim. Igual fala aquela música"*, fazendo uma referência ao refrão da música *Eu não pedi pra nascer*, da banda Facção Central". (Diário de Campo, 25/04/2006).

Em função da importância que a música desempenhava no cotidiano institucional, foi organizado um grupo de discussão com as crianças, cujo foco era a análise das letras das músicas do grupo Facção Central. Esta inclusão de novas questões de

investigação, a partir da participação activa das crianças no processo é típico das pesquisas que adoptam como paradigma as metodologias participativas. De outra forma, dificilmente esse seria um tópico a ser investigado. Cabe ressaltar que, de acordo com Boyden & Ennew (1997), nenhuma técnica de investigação é naturalmente participativa, sendo que a forma como esta é aplicada que determina o seu carácter mais ou menos participativo. Isso implica que, nas investigações aqui descritas, também foram utilizadas estratégias mais tradicionais de coleta de dados, como as entrevistas, o grupo focal, entre outras que ilustra bem o carácter dinâmico das metodologias participativas e a sua importância na investigação com crianças.

3 - De objectos-observados/explicados/interpretados a sujeitos participativos e implicados – ultrapassando olhares hegemónicos acerca das competências das crianças.

As metodologias participativas possibilitam que a infância seja vista para além da sua negatividade, já que explora e evidencia as competências das crianças, ao invés de se focalizar nas suas faltas e limitações. Ao invés de demonstrar como não existe lógica no discurso verbal das crianças, os pesquisadores demonstram o quanto as suas produções são ricas e exemplos significativos da suas competências em retratar a realidade em que vivem.

Como exemplo desta competência, cabe referir o documentário que foi idealizado e produzido pelas meninas em situação de rua, participantes da pesquisa realizada em Salvador, no Brasil, e que teve como objectivo principal descrever as trajetórias de vidas dessas meninas e a sua relação com a rua, com os pares e com a instituição que estavam inseridas durante a investigação. A produção deste documentário só foi possível porque as crianças tiveram à sua disposição uma câmara de vídeo e tinham aprendido, com os seus erros e acertos ao longo do processo investigativo, como produzir um filme. Nesse sentido, a própria participação na pesquisa possibilitou que as crianças aprimorassem as suas competências e se tornassem confiantes para sugerirem formatos novos para a investigação.ⁱ

Um outro exemplo que convocámos para ajudar a ultrapassar os ditos olhares hegemónicos decorreu no âmbito da investigação desenvolvida por Fernandes (2005/2009), nomeadamente no que diz respeito à organização de espaços e tempos das dinâmicas da pesquisa. A organização destes espaços e tempos foi partilhada e negociada entre a investigadora e as crianças, tendo havido um momento que aconteceu por proposta das crianças envolvidas na pesquisa.ⁱⁱ A construção de espaços e tempos colectivos decorreu, assim, em dois momentos. Num primeiro momento, em cada um dos contextos promoveram-se espaços de debate em pequeno e grande grupo, por sugestão da investigadora, mas com um papel activo das crianças na forma como as dinâmicas se foram sucedendo. Num segundo momento promoveu-se um encontro entre as crianças do Colégio dos Rouxinóis e da Escola Pública, decorrente da proposta das crianças dos dois contextos, de forma a partilharem as suas propostas (relativas às possibilidades que as crianças tinham discutido em pequenos grupos, acerca de formas renovadas de verem os seus direitos garantidos) num dia de actividades variadas e de confraternização.

Seguem algumas das impressões recolhidas deste momento da investigação, através da nota de campo:

“Hoje foi dia de convívio. Como tínhamos combinado, os meninos da Escola Pública foram ao Colégio dos Rouxinóis, para todos poderem apresentar as suas propostas. Eu cheguei mais cedo e comigo levava um farnel com alguns biscoitos e sumos. Tinha já combinado com os meninos do Colégio dos Rouxinóis a intenção de arranjarmos uma mesa para podermos receber os colegas da Escola Pública. Eles ficaram delirantes com a ideia e por sugestão deles desde logo dispusemos tudo em cima de uma mesa. As exclamações deles sucediam-se: “*que toalha fixe*”; “*também trouxe frango?*”; “*posso comer só um?...*”
(...)

Quando finalmente as crianças da Escola Pública chegaram, a animação dos meninos do Colégio dos Rouxinóis esmoreceu e ficaram até um pouco encabulados. Animei-os então a mostrarem aos outros meninos o que tínhamos preparado. A animação voltou novamente e todos juntos fomos para o ginásio.” (Nota de campo, nº10, Colégio dos Rouxinóis, Junho, 2003)

A investigação social com crianças é, tal como temos vindo a referir, um processo que exige do investigador uma responsabilização social e científica, no sentido de acautelar no seu *design*, benefícios para os indivíduos que pretende implicar no seu desenvolvimento. Pareceu-nos, portanto, que no desenvolvimento desta etapa de construção de informação, tão significativa para todas as crianças implicadas no

processo, deveríamos salvaguardar o interesse superior das mesmas. No caso das crianças do Colégio dos Rouxinóis, passava por dar resposta aos anseios que elas tinham em se assumirem no seu espaço (Colégio dos Rouxinóis) como protagonistas na recepção às crianças da Escola Pública, construindo desta forma dinâmicas que, por não serem muito frequentes, se assumiam como valiosas. O protagonismo que estas crianças assumiram na organização da recepção, apresentando às crianças da Escola Pública um espaço acolhedor e 'recheado', assume-se como um passo importante para desconstruir junto das crianças da Escola Pública a imagem "desvalida" das crianças do Colégio dos Rouxinóis. Concordando ainda com James (1993) quando refere que as ideias sobre a infância são socialmente construídas na e pela vida social e que a consciência da infância de uma criança como normal ou diferente é, essencialmente, pragmática, em vez de hermética e definitiva, sendo adquirida através das interações e dos confrontos sociais e de outras dinâmicas que vão ocorrendo ao longo do tempo, pensamos que desta forma o processo de investigação em que estas crianças estavam implicadas se assumiu como socialmente útil para a valorização da imagem das crianças em situação de institucionalização.

Decorrente dos pequenos 'flashes' das pesquisas desenvolvidas, que aqui fomos apresentando, consideramos poder argumentar que a investigação participativa funciona, não apenas, enquanto estratégia privilegiada para a investigação, mas assume-se, também, como ferramenta importante para aumentar a eficácia dos programas de intervenção junto a crianças em situação de vulnerabilidade social. Se por um lado, os dados construídos numa pesquisa participativa parecem retratar de forma mais fidedigna a realidade das crianças, por outro, possibilitam que elas desenvolvam competências que alteram a sua forma de interação com o meio em que vivem. Obviamente, que não adoptamos uma perspectiva ingênua de acreditar que a vivência de uma única experiência participativa possa alterar as relações que as crianças estabelecem com outros adultos, mas também acreditámos que o caminho se faz com pequenos e consistentes passos.

Síntese

O exercício que aqui partilhámos pretendeu ilustrar algumas potencialidades da investigação participativa com crianças, em arenas geográficas e culturais tão distintas como é o caso daquelas que acolhem os sujeitos que participaram nas investigações aqui descritas. Gostaríamos de salientar que a investigação participativa é mais uma ‘porta de entrada’ para a construção de conhecimento mais criterioso acerca da realidade social. Não tem qualquer pretensão de substituir outras abordagens metodológicas, mas assume-se no contexto da investigação, e em concreto na investigação com crianças, como uma estratégia peculiar, ao assumir uma dimensão política e ontológica diferenciada, na qual a participação dos sujeitos na pesquisa é o seu princípio de base e também o motor da sua acção.

O carácter de participação só se efectiva quando os actores (crianças e adultos) envolvidos no processo se permitem construir novos caminhos e trajectórias, tal como tentámos demonstrar ao longo deste trabalho. Nesse sentido, o pesquisador precisa abdicar dos seus roteiros pré-estabelecidos, para de facto escutar e atender às necessidades e interesses que as crianças demonstram no processo de investigação e na forma como ele se vai desenrolando. No caso da pesquisa brasileira (Santana, 2008), tal ficou evidente na primeira actividade proposta pela pesquisadora, na qual todas as crianças foram chamadas para participar de uma dinâmica em que seriam definidos os acordos para a realização da pesquisa e escolhidos os pseudónimos com os quais as crianças seriam tratadas no texto da pesquisa. Essa actividade foi filmada e foi completamente desestruturada pelas crianças, apesar da pesquisadora ter imaginado estar seguindo todos os princípios que norteiam a pesquisa participativa com crianças. A participação efectiva das crianças só ocorreu quando a pesquisadora disponibilizou a câmara de vídeo para as crianças e permitiu que elas conduzissem o processo de interacção.

Parece-nos evidente, a partir deste episódio, e de muitos outros que abundam ao longo das pesquisas de onde eles decorrem, que os investigadores preocupados em construir conhecimento científico criterioso com as crianças, deverão desenvolver esses processos em parceria com elas, verdadeiros *experts* dos seus mundos de vida.

Como palavras finais deste trabalho gostaríamos de partilhar com os leitores a ideia de que quando defendemos que as crianças são competentes para participar, não nos esquecemos das suas vulnerabilidades e incompetências. Queremos sobretudo acentuar a ideia de que as crianças são membros de um grupo geracional, historicamente subordinado e desconsiderado no exercício da sua cidadania activa, o que continua a ser desafiante na desconstrução de um estatuto de minoridade que perpetua na sociedade. A investigação participativa com crianças pode ser um dos mecanismos desafiadores desta retórica instalada.

Referências

- FERNANDES, N. **Infância e Direitos: Participação das crianças nos contextos de vida – Representações, Práticas e Poderes**. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2005.
- FERNANDES, N. **Infância, Direitos e Participação**. Porto: Edições Afrontamento. 2009.
- KIRBY, P. **Involving young researchers - how to enable young people to design and conduct research**. New York: Joseph Rowtree Foundation, 1999.
- JAMES, A. **Childhood Identities: Self and Social Relationships in the experience of the child**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1993.
- SANTANA, J. P. **Cotidiano, Expressões Culturais e Trajetórias de Vida: Uma investigação participativa com crianças em situação de rua**. Tese de Doutoramento não publicada, Programa de Doutoramento em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2008.
- Sarmiento, M. & Marchi, R. Radicalização da infância na segunda modernidade: Para uma Sociologia da Infância crítica. In: **Configurações. Revista de Sociologia, nº 4**, p. 91-113, 2008.

ⁱ A disponibilização da câmara para as crianças só foi introduzida na pesquisa, em função de uma tentativa fracassada de dirigir as atividades que iriam compor a coleta de dados, sendo que o documentário foi o quarto filme produzido pelas crianças.

ⁱⁱ O trabalho de investigação de que aqui se fala envolveu dois grupos distintos de crianças: um grupo de crianças pertencentes a uma classe social média, que viviam com as suas famílias biológicas, não havendo quaisquer indicadores de risco social e o grupo de crianças que vivia numa instituição de acolhimento, tal como já tivemos ocasião de apresentar anteriormente.